ENTRE MOUROS E CRISTÃOS: PRIMEIROS DADOS SOBRE A ZOOARQUEOLOGIA DO CASTELO DE ARACENA (HUELVA, ESPANHA)

Recebido: 29 de Março de 2018 / Aprovado: 29 de Dezembro de 2018

Maria João Valente[1]
Universidade do Algarve – FCHS. CEAACP — Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património.

Francisco Rosa Correia
Colaborador da Universidade do Algarve – FCHS

Rute Branco
Mestranda. Universidade do Algarve – FCHS

Eduardo Romero Bomba e Timoteo Rivera Jiménez
Universidad de Huelva – HUM 838

Omar Romero de la Osa
Universidad de Sevilla – ETSA

Resumo
O principal objetivo deste trabalho é a caracterização das atividades pecuárias e cinegéticas praticadas no Castelo de Aracena, entre os séculos X e XVI. Os resultados mostram o predomínio dos animais domésticos: porcos, cabra, ovelha e bovinos, mas também equídeos e aves de capoeira. A presença de animais como o veado e o javali sugere que a caça seria uma atividade complementar. Foram ainda identificados o coelho e vários carnívoros. Os vestígios de moluscos marinhos e peixe testemunham o seu ocasional consumo. As estimativas etárias sugerem tratamento diferenciado dos animais. As modificações ósseas evidenciam o processamento das carcaças com objetivos alimentares e, por vezes, de tendões, peles e fabrico de utensílios. A relativa homogeneidade dos principais táxones ao longo das ocupações, e a abundância de suínos, algo raro em contextos islâmicos, possibilitam duas realidades: ou depósitos faunísticos relacionados com as ocupações cristãs, ou uma comunidade islâmica atípica.
Palavras-chave: zooarqueologia; Medieval Islâmico; Medieval Cristão; Reconquista; Espanha.

Abstract
The main objective of this work is the characterization of the livestock and hunting activities practiced in the Castle of Aracena, between the 10th and 16th centuries. The results show the predominance of domestic animals: pigs, goats, sheep and cattle, but also equids and poultry. The presence of animals such as deer and wild boar suggests that hunting would be a complementary activity. Rabbit and several carnivores were also identified. Fragments of marine molluscs and fishes testify to their occasional consumption. Age estimation suggest different treatment of animals. Bone modifications show the processing of carcasses for food purposes and, sometimes, of tendons, skins, and utensils' production. The relative homogeneity of the main taxa throughout the occupations, and the abundance of swine, something rare in Islamic contexts, allow two realities: either faunal deposits related to Christian occupations, or an atypical Islamic community.
Keywords: zooarchaeology; Medieval Islamic; Medieval Christian; Conquest; Spain.

1 mvalente@ualg.pt

1. Introdução

O presente trabalho apresenta o estudo zooarqueológico dos materiais recolhidos na campanha de escavações de 2012 no Castelo de Aracena, Huelva, dirigidas por dois de nós (ERB, TRJ). A coleção resultante assume particular interesse por incluir materiais associados às várias ocupações medievais que se desenvolveram no local, com o grosso do material a ser atribuído aos períodos almóada e cristão (séculos XII-XV), nomeadamente ao momento de transição.

O principal objetivo deste trabalho é a obtenção de informações sobre as atividades pecuárias e cinegéticas levadas a cabo pelos habitantes do estabelecimento almóada e da posterior fortificação cristã. Com esse fim, apresentamos a diversidade dos animais presentes, as suas respetivas abundâncias, as estimativas de idade das principais espécies, as principais alterações ósseas e seu significado, e alguns dados de integração biométrica nos conjuntos faunísticos já conhecidos para estes períodos.

Não são por ora incluídos os materiais exumados na campanha de 2014. Estes encontram-se ainda em fase de estudo, estando planeada a publicação final e abrangente dos dados zooarqueológicos após meados de 2018.

2. Localização e enquadramento histórico

O Castelo de Aracena localiza-se na atual província de Huelva, no sudoeste de Espanha (Fig. 1). É uma das fortificações medievais que integram a chamada Banda Galega, definição dada ao conjunto de castelos que se localizam na zona ocidental da Sierra Morena e que pertenceram ao Reino de Sevilha. A localização estratégica destas fortificações visava a proteção das vias de comunicação e do território e garantia a defesa da população como lugares de refúgio, ou delimitava a fronteira entre as terras reais e os territórios das Ordens Militares do Hospital e de Santiago (González, 2005: 67-78; Valor, 2005: 79-92; Romero e Rivera, 2012: 109-111).

Alguns de nós (Romero, Rivera e Pérez, 2010: 51-55) definiram já o sítio como uma vila fortificada ou encastelada onde se desenvolveu um povoamento baixo-medieval até ao séc. XVI. Nesta altura a povoação perde a sua funcionalidade militar e a expansão urbanística em direção ao vale terá proporcionado o seu abandono e sequente ruína.

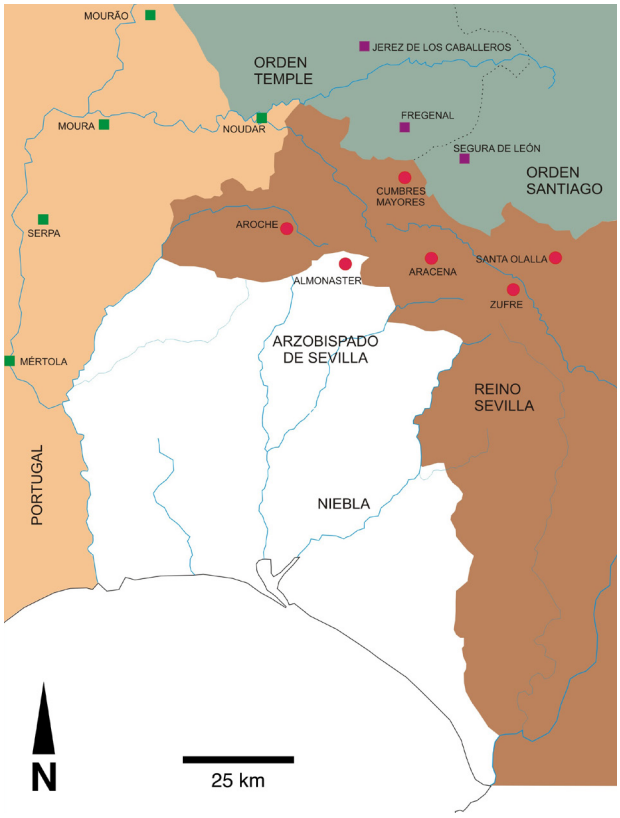

Fig. 1 - Mapa de localização Castelo de Aracena, à altura do Reino de Sevilha (após a Conquista Cristã).

3. Enquadramento: história e arqueologia do Castelo de Aracena

A construção do recinto fortificado de Aracena ter-se-á materializado por impulso português, em meados do século XIII. A sua função terá sido de defesa e reforço do território conquistado pelo

Reino de Portugal através da Ordem do Hospital e enquadra-se nos movimentos de conquista do Gharb al-Andalus por parte das ordens militares a mando das coroas lusa e castelhano-leonesa.

A situação fronteiriça deste território influenciou de maneira decisiva o processo de povoamento que, desde o momento da conquista cristã, foi objeto de disputa entre as ordens militares, os castelhanos e os portugueses. O tratado luso-castelhano de Badajoz de 1267 reconheceu como castelhanas as praças situadas a Este do rio Guadiana, pelo que Moura, Serpa, Aroche e Aracena passam a pertencer ao concelho de Sevilha. Todavia, Portugal não deixou de reivindicar estas praças nos anos posteriores; após a morte de Sancho IV, em 1295, D. Dinis reclamou junto dos tutores de Fernando IV a sua devolução. O conflito entre as duas coroas só foi solucionado em 1297, com o Tratado de Alcanizes, no qual Moura e Serpa retornam ao domínio português, enquanto Aroche e Aracena passam definitivamente para Castela-Leão (González, 1998: 15-35).

As intervenções arqueológicas no recinto fortificado de Aracena iniciaram-se em 2007 e foram desenvolvidas no contexto da sua conservação e valorização, com a implementação de um plano de investigação multidisciplinar. Até ao momento realizaram-se três campanhas centradas em diferentes zonas do recinto: em 2007 desenvolveram-se diversas sondagens na vila medieval e no castelo; no ano de 2012 escavou-se a área do alcácer; finalmente, em 2014, procedeu-se à escavação da zona norte (Fig. 2).

Os trabalhos incluíram prospeções pedestres e geofísicas, e escavações. Durante as escavações foram identificados vários contextos deposicionais, bem como contextos de construção ou de adição. A grande acumulação de materiais de derrube nos sedimentos não possibilitou o seu crivo.

A escavação permitiu constatar a presença de estruturas no interior do recinto fortificado, identificar as fases construtivas, sequenciar o processo mediante a análise das fundações, estabelecer uma interpretação cronológica, caracterizar funcionalmente as construções e detetar as cotas de uso originais, assim como documentar as estruturas prévias à construção do castelo. Um exemplo são as habitações almóadas exumadas na Unidade de Intervenção 8 e na Sondagem 2B, durante a campanha de 2012.

Fig. 2 - Foto aérea do Castelo de Aracena e planta das áreas de intervenção. 1 – Alcácer (Alcázar), área escavada em 2012. 2 – Flanco Norte, área escavada em 2014.

4. Sequência das ocupações humanas

As caraterísticas do cerro do castelo favorecem o povoamento humano e possibilitam o controlo de vias de comunicação, o domínio visual do território e o acesso a recursos agro-pecuários e minerais.

A sua mais antiga ocupação humana parece remontar à Pré-História recente. Dela restam alguma cerâmica manual e instrumentos em pedra polida, materiais espalhados por toda a zona do cerro, sem distinção de áreas de depósito primário.

A presença de materiais de construção, como tégulas, e de alguma cerâmica *sigillata* gálica (Dragendorff 18 e 27), demostram que durante o Período Romano o sítio também foi habitado. Nas imediações de Aracena assinalaram-se algumas

villae romanas (La Urraca, San Miguel, Jabuguillo e Las Gordillas (Romero Bomba, 2003: 84-88) e o cerro de Aracena pode ter tido a função de controlo da via romana que ligava as minas de Riotinto a Emerita Augusta.

Anterior ao recinto fortificado de origem cristã, documentou-se a presença de um importante povoamento islâmico que se terá desenvolvido durante a Época Califal, os Reinos das Taifas e o Período Almóada. Esse povoamento islâmico parece iniciar-se no século X, apesar da arquitectura mais bem conservada pertencer à ocupação almóada (séculos XII-XIII). Neste período, a construção de habitações e de canalizações evidenciam a existência de planificação urbana. Nota-se também a adaptação à orografia local, com escalonamento das estruturas ao longo da encosta e agrupamentos das habitações. Não conhecemos a dimensão deste povoado, mas a dispersão de materiais é ampla e identificaram-se estruturas em diversos pontos do cerro. Desconhece-se o nome desta povoação islâmica, conquanto alguns historiadores a interpretem como Qatrašāna (Pérez Macías, 2001: 57-58).

Durante a etapa baixo-medieval, após a conquista cristã, documentou-se a construção do castelo e de várias salas no seu interior. Estas divisões foram reformadas e modificadas ao longo do tempo com a construção de muros ou nivelamento de solos. A cultura material, nomeadamente a cerâmica, a numismática e o material bélico, aponta para uma ocupação balizada entre os séculos XIII e XV, sendo que o séc. XVI é marcado pelo abandono do recinto. Foi também observada uma ocupação externa ao Castelo, pela presença de muros de habitação na chamada "villa vieja."

Em 2014 foi obtida uma datação pelo radiocarbono (Sac-3022): 710±35 BP (1247-1388 cal AD a 2 sigmas, pela curva IntCal 13). Foi feita sobre uma amostra proveniente da Unidade Estratigráfica (UE) 116, unidade composta por uma camada de cinzas com carvões e madeiras que cobre uma habitação de Época Almóada (Vivenda A). A cultura material associada é do Período Almóada e o nível de cinzas pode indicar a tomada da povoação pelas tropas de Portugal, entre 1230 e 1251.

5. Metodologia zooarqueológica

O presente trabalho apresenta a análise zooarqueológica dos materiais da campanha de 2012; restam por analisar os materiais recolhidos em 2014, que incidiram na zona norte do castelo. A área intervencionada em 2012 corresponde a 12 *loci* diferentes e a cerca de 80 UEs.

A apresentação individual de cada contexto é extensa e a sua interpretação seria demasiado segmentada, pelo que reunimos os dados em cinco principais "Unidades de Agregação Cronológica" (UAC) (Fig. 3): (A) materiais do período das Taifas e Califal; (B) depósitos associados a materiais almóadas; (C) contextos de mistura da transição almóada-cristão; (D) depósitos associados ao período cristão entre os séculos XIII e XV; e (E) contextos associados à fase de abandono da fortificação. Deixamos de fora, por agora, os materiais "de arraste" que podem pertencer a qualquer um destes períodos. Infelizmente, estes incluem c. de 40% dos materiais faunísticos, incluindo achados interessantes como o de sacarrabos (*Herpestes ichneumon*).

Sempre que possível tentou-se a classificação ao nível da espécie (pela morfologia ou metria), recorrendo-se à coleção de referência do Laboratório de Arqueologia da Universidade do Algarve (LA-UALG) para mamíferos e moluscos. Alguns espécimes de identificação mais complicada foram classificados após consulta da coleção

Unidade de Agregação Cronológica (UAC)	Período	Unidades (sondagens, UE e UI)
A	Taifas e Califal	Sondeo 2B: 22, 28.
B	Almóada	Sondeo 1A: 6. Sondeo 2A: 11, 12, 13. Sondeo 2B: 7, 9, 10, 17. Sondeo 2B (ampliação): 9, 10, 16, 18, 19, 21, 27. Sondeo 2B obras: 16, 44, 49, 59, UC36. UI8 (Vivenda 2): 12, 29, 44, 45, 46. Outras: UI2/2sondeo, UI2/7sondeo, UI8/2, UI8/4, UI8/5, UI8/12, UI8/20, UI8/28.
C	Mistura Almóada–Cristão	Sondeo 2A: 3. Sondeo 2B (ampliação): 2, 4, 5, Sondeo 2B: 3, 4, 5, 6. Sondeo 2B obras: 3, 45. UI8/2 (Vivenda 2): 2. Outras: UI2/2.
D	Cristão (sécs. XIII–XV)	Sondeo 2A: 2. Sondeo 2B (ampliação): 12, 13. Sondeo 2B: 8, 12, 15, 1B. Sondeo 2B obras: UI8/2 (Vivenda 2): 33, 41, 42. Outras: UI7/2, UI7/4, UI8/13, UI8/16, UI8/17.
E	Abandono (sécs. XV–XVI)	Sondeo 2A: 5, 9. Sondeo 2B obras: 14. UI8/2 (Vivenda 2): 1. Outras: UI8/1.

Fig. 3 - Unidades de agregação e períodos culturais.

de referência do Laboratório de Arqueociências da Direção-Geral do Património Cultural (LARC).

A distinção entre ovelha e cabra foi feita com base nos critérios apresentados por Boessneck (1969: 331-358), Zeder e Lapham (2010: 2887-2905) e Zeder e Pilaar (2010: 225-242) para as seguintes porções anatómicas: dente dP4 inferior, úmero distal, tíbia distal, metacárpicos e metatársicos distais, astrágalo, primeira e terceira falanges.

Quando não foi possível a classificação taxonómica, procedeu-se à classificação dos restos segundo o tamanho dos animais: animal de pequeno porte (e.g. gato, coelho ou ave), animal de médio porte (e.g. caprinos, canídeos, suínos) e animais de grande porte (urso, cervídeos, bovinos e equídeos). As esquírolas (restos ósseos com menos de 2cm) foram analisadas com menos detalhe, observando-se apenas os vestígios de carbonização ou alguma outra alteração mais óbvia. Na sua grande maioria este conjunto é composto por restos indeterminados (i.e. sem classificação por tamanho do animal) apesar de, na realidade, poderem ser incluídos nos grupos animais de médio ou grande porte.

Para quantificação dos materiais utilizámos as seguintes unidades: o Número Total de Restos (NTR), o Número de Restos Determinados (NRD), o Número de Restos Indeterminados (ND). O Número Mínimo de Indivíduos (NMI) é apenas apresentado para os principais taxónes (bovinos, caprinos e suínos) junto das estimativas de idade de abate. Teve em conta também a idade dos animais, principalmente através da análise das dentições (Klein e Cruz-Uribe, 1984: 26-29; Valente, 1997: 88-89; Lyman, 2008: 39-41).

O cálculo da idade de abate dos animais foi obtido mediante a utilização de dois métodos: **(1)** A erupção/desgaste dentário foi o método privilegiado ao

Taxon / UAC		A	B	C	D	E	TOTAL
MAMÍFEROS							
Oryctolagus cuniculus	coelho		27	1		1	29
Felis catus	gato		1	1			2
Lynx pardina	lince ibérico				1		1
Canis lupus	lobo		1		1		2
Canis sp.	lobo / cão			1			1
Ursus arctos	urso pardo			1			1
Equus asinus	burro			1			1
Equus caballus	cavalo		-	5	1	1	11
Equus sp.	burro / cavalo		7	20		1	28
Sus cf. *domesticus*	porco		3	1			4
Sus cf. *scrofa*	javali		3				3
Sus sp.	porco / javali	2	35	23	11	5	76
Cervus elaphus	veado	1	15	9	3	1	29
Cervídeo ND	(provável veado)		3	3		2	8
Bos taurus	boi/vaca		28	16	11	11	66
Capra hircus	cabra doméstica		2	3		1	6
Ovis aries	ovelha		9	5	1		15
Ovis aries/Capra hircus	cabra / ovelha	1	25	8	11	4	49
Total NR Mamíferos	—	4	163	98	40	27	332
% Mamíferos (*)	—	100%	90%	92%	100%	100%	93%
AVES							
Gallus domesticus	galinha		13	4			17
Aquila sp.	águia		1				1
Ave indeterminada	—			1			1
Total NR Aves	—		14	5			19
% Aves (*)	—		8%	5%			5%
PEIXES							
Indeterminado	—			2			2
% Peixes (*)	—			2%			1%
MOLUSCOS							
Ruditapes decussata	amêijoa-boa		1	2			3
Pecten cf. *maximus*	vieira		1				1
Osteridae	ostra		2				2
Total NR Moluscos	—		4	2			6
% Moluscos (*)	—		2%	2%			2%
NÃO DETERMINADOS (VERTEBRADOS)							
Animais de pequeno porte			3		1		4
Animais de médio porte		4	76	28	10	3	121
Animais de médio/grande porte		1	17	14	4	2	38
Animais de grande porte			80	28	16	10	134
Indeterminados		4	8				12
NRD Total		**4**	**181**	**104**	**40**	**27**	**356**
ND Total		**9**	**184**	**73**	**31**	**27**	**312**
NTR		**13**	**365**	**177**	**71**	**42**	**668**

Nota: (*) cálculo a partir do valor total do NRD.

Fig. 4 - Quantificação geral das faunas (2012) do Castelo de Aracena (Número de Restos).

longo deste trabalho, seja nas mandíbulas com a presença de vários dentes, seja no caso de alguns dentes inferiores isolados. Para o cálculo do estágio de desgaste dos suínos e sua estimativa de idade foram utilizados os critérios de Grant (1982: 91-108) e Lemoine *et al*. (2014: 179–193). Para os bovinos, os critérios de Grant (1982: 91-108) e Jones e Sadler (2012: 11-28). Para os caprinos, os de Grant (1982: 91-108) e Payne (1973: 281–303; 1987: 609–614). As informações obtidas foram depois distribuídas por grupos etários, no que adotámos o sistema de O'Connor (1988: 84-88). **(2)** A observação das fusões ósseas, principalmente das epífises dos ossos longos. Os critérios para atribuição etária com base na fusão óssea foram os seguintes: para o porco, os de Zeder, Lemoine e Payne (2015: 135-150); para os bovinos, os de Habermehl (1975: 69-105); e para os caprinos, os de Zeder (2006: 87-118). Sempre que possível foi feito o cruzamento destas informações com as já obtidas para a erupção e desgaste dentários.

Em relação às alterações ósseas, tivemos em atenção as seguintes evidências:

• Carbonização: extensão, coloração e estágio (segundo Shipman, Foster e Schoeninger, 1984: 307-325).

• Marcas de corte: a existência de estrias superficiais (normalmente associadas à esfoliação da pele e ao corte de tendões) e marcas mais aprofundadas (tipo "cutelo", muitas vezes derivadas da segmentação da carcaça animal, apesar de também poderem resultar do corte de tendões ou carne).

• Outras marcas: como roedelas, enformando o aspeto típico da ação de canídeos, ou de puncturas, algumas delas associadas a felídeos ou aves de rapina.

Para a obtenção dos dados osteo-odontométricos seguimos as regras de Driesch (1976), completadas com algumas medidas de Davis (1992).

6. Resultados

Em geral, os materiais estudados (UAC A a E) estão em bom estado, permitindo a classificação ao nível do género ou espécie de cerca de 53% da coleção (NRD=356).

Na Fig. 4 podem observar-se os dados quantitativos gerais resultantes da análise zooarqueológica. Os mamíferos compõem o grupo predominante (93,3% NRD), embora se tenham identificado também alguns restos de aves (galinha e uma falange ungueal de ave de rapina, cf. *Aquila* sp.), de moluscos (amêijoa-boa, vieira e ostra) e um resto de peixe indeterminado. Uma vez que os sedimentos exumados não foram crivados, é provável que os resultados tenham uma deflação dos animais de pequeno porte (coelhos, aves) e microfauna.

6.1. Abundâncias taxonómicas e estimativa de idades

A coleção faunística associada a materiais dos períodos califal e das Taifas (UAC A; séculos X-XII) é muito reduzida (NRD=4) e não permite grandes conclusões, para lá da presença de restos de suíno, cervídeo e caprinos (cabra/ovelha). Apenas foram observados animais adultos (Fig. 5).

O maior conjunto de restos animais resulta das UEs associadas a materiais almóadas (UAC B; séculos XII-XIII), onde foram determinados 181 restos. A diversidade dos animais presentes é grande, sendo a ordem de abundância dos mamíferos a seguinte: suínos (tanto o porco, como o javali; especificação obtida a partir das medições de terceiros molares inferiores), caprinos (mais ovelha que cabra, na ordem dos 4,5:1), bovinos,

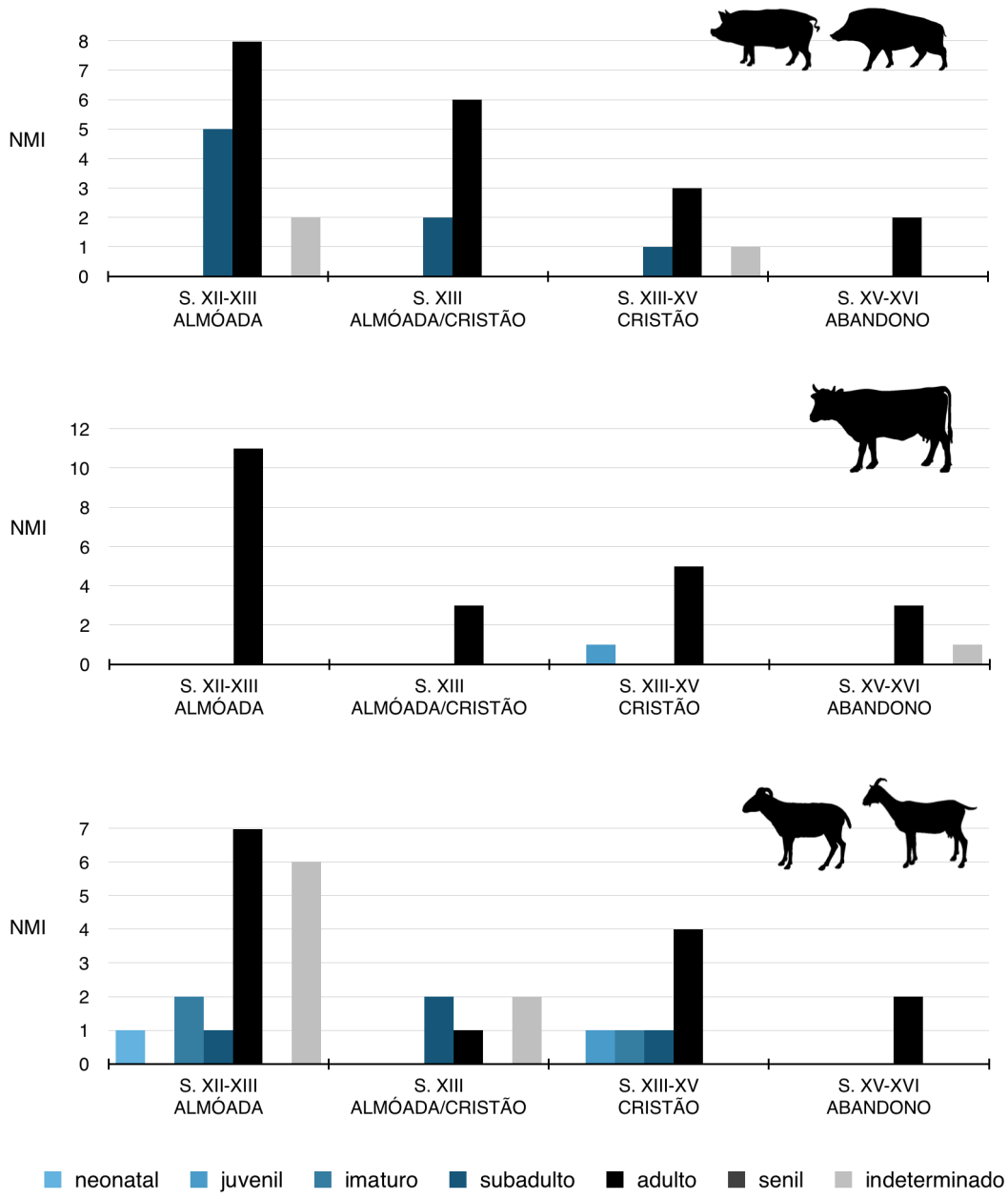

Fig. 5 - NMI e estimativa da idade de abate dos principais táxones: suínos, bovinos e caprinos.

coelho, veado, cavalo (e alguns restos de equídeo não determinado ao nível da espécie). Foram ainda observados dois espécimes de carnívoros: um de gato e outro de lobo (uma ulna muito robusta e de dimensões elevadas). No que respeita às aves, para lá da galinha doméstica, é nesta UAC que se registou o resto de águia.

No que se refere ao NMI (de quantidade relativamente elevada, pois foram tidas em conta as diferentes UEs e as idades estimadas para abate dos animais), a ordem de abundância é muito semelhante, apesar de os caprinos predominarem sobre os suínos (Fig. 5). A maioria dos animais é adulta, mas existem alguns jovens (suínos e, principalmente, caprinos). A abundância de suínos

classificados neste conjunto (23% NRD) coloca alguns problemas na interpretação do contexto (vd. discussão).

Das UEs consideradas de mistura almóada-cristão (UAC C; séc. XIII) resultou um conjunto faunístico relativamente numeroso (NRD=104) e diversificado, com a identificação de vários táxones dos quais se salientam os equídeos, com a presença tanto do cavalo como do burro, e os suínos (sendo certo apenas o porco, classificado a partir de uma mandíbula com a presença dos segundo e terceiro molares). A maioria dos espécimes pertence a animais adultos, apesar de existirem alguns subadultos entre os caprinos e os suínos. Também se assinalaram raros restos de carnívoros: gato, canídeo indeterminado (*Canis* sp.) e urso (este último pela presença de um 5º metacárpico; foi assinalado também um 1º metacárpico entre os materiais considerados "de arraste").

As unidades atribuídas ao grosso da ocupação cristã (UAC D; séculos XIV-XV) forneceram uma coleção mais reduzida (NRD=40), onde apenas foram classificados mamíferos, principalmente caprinos, bovinos e suínos. Mais uma vez a maioria dos animais abatidos é adulta, mas existem indivíduos mais jovens, em especial entre os caprinos. Assinalou-se também a presença do lince (fragmento distal de rádio) e do lobo (2º metacárpico com dimensões elevadas).

Por fim, da fase atribuída ao abandono cristão (UAC E; séculos XV-XVI) analisou-se apenas um pequeno conjunto (NRD=27), composto somente por mamíferos, onde predominam os bovinos. Apenas se observaram animais adultos.

6.2. Principais modificações ósseas

As marcas de corte aparentam alguma homogeneidade ao longo das várias ocupações (Fig. 6): predominam as marcas de corte aprofundado sobre as de corte mais superficial (tipo "estria"). Existem ainda algumas marcas de corte serrilhado, em haste e corno; destes, alguns terão servido para o fabrico de utensilagem em osso.

Os vestígios de carbonização apresentam alguma variação quantitativa e qualitativa ao longo da sequência de ocupações: as primeiras fases (UAC B+C) incluem material com carbonização essencialmente parcial, com colorações indicativas de temperaturas médias (castanho e negro); enquanto que nas fases sequentes (UAC D+E) os vestígios de fogo tendem a abranger a totalidade dos restos, com algumas evidências de temperaturas mais elevadas (restos de cor cinzenta, a par da negra).

6.3 Principais dados biométricos

Infelizmente grande parte dos dados métricos obtidos pertencem a espécimes recuperados nas UEs de arraste, cuja cronologia exata de depósito é impossível de determinar (verosimilmente depositados entre os séculos XII e XVI). Existem, todavia, alguns espécimes associados a períodos específicos (Fig. 7).

As medidas obtidas para os elementos de suínos, bovinos e caprinos apontam para valores situados entre os dos espécimes do Período Medieval Islâmico em Santarém ou Silves e os dos espécimes de Beja atribuídos ao séc. XV (Davis, 2008: Figs. 5, 6, 14 e 15; Davis e Detry, 2013: Figs. 2, 5 e 6). No caso do veado, os valores obtidos para Aracena situam-se no terço superior dos disponíveis para Idade do Ferro, Período Romano e Período Medieval Islâmico no território português (Davis e Detry, 2013: Figuras 3a e 4).

Fig. 6 - Modificações ósseas. 1 – Ulna de suíno (*Sus* sp.) com roedelas na zona proximal (UAC C). 2 – Calcâneo de bovino (*Bos taurus*) com marcas de corte (UAC B). 3 – Falange proximal de bovino (*Bos taurus*) com marcas de corte (UAC B). 4 – Ponta de haste de veado (*Cervus elaphus*) serrilhada e carbonizada na extremidade (UAC B). 5 – Mandíbula de cabra (*Capra hircus*) com marca de corte e fractura de cutelo (UAC B). 6 – Três fragmentos de haste de veado (*Cervus elaphus*) cortados, provavelmente para manufatura de utensílios ósseos (UAC B).

ODONTOMETRIA								
Taxonomia	**Elemento**	**W**	**L**	**Wa**	**Wc**	**Wp**	**Wa:Wc**	**UAC**
Sus cf. *domesticus*	M3 inf	15,4	n.a.	15,4	14,7	n.a.	1,05	B
Sus cf. *domesticus*	M3 inf	16,9	33,8	16,9	15,7	12,4	1,08	C
Sus cf. *scrofa*	M3 inf	18,2	45,0	18,2	16,5	14,9	1,10	B
Sus sp.	M3 inf	17,5	39,6	17,5	17,5	14,5	1,0	B
OSTEOMETRIA								
Taxonomia	**Elemento**	**GLI**	**BD**	**BT**	**HTC**	**UAC**		
Sus sp.	úmero			40,0	21,2	B		
Sus sp.	tíbia		34,7			C		
Cervus elaphus	astrágalo	52,5	33,5			C		
Cervus elaphus	astrágalo	53,6	32,3			E		
Bos taurus	astrágalo		43,4			E		
Ovis aries	úmero			31,3	16,0	B		
Ovis aries	úmero			28,3	14,8	C		
Ovis aries	úmero			29,4	14,6	C		

Nota: valores (em mm) segundo Driesch (1976) e Davis (1992, 2006).

Fig. 7 - Principais dados biométricos.

7. Discussão e conclusões

No Castelo de Aracena temos vários contextos com restos faunísticos em bom estado de preservação, associados a materiais atribuíveis a um espaço de tempo entre os séculos XII e XVI, incluindo várias UEs caracterizadas pela presença de materiais cerâmicos almóadas e cristãos.

O conjunto faunístico estudado é relativamente numeroso e diversificado, apesar da relativa homogeneidade das principais espécies animais. Os mamíferos dominam a coleção, em particular os domésticos, sendo que os suínos, os bovinos e os caprinos (ovelha e cabra) são mais numerosos, com alguma variação na sua abundância ao longo dos depósitos. Nas UAC B e C (almóada e mistura), a abundância sequencial é a seguinte: suínos > caprinos > bovinos, e vários contextos com restos de equídeos e leporídeos. Nas UAC D e E (cristãs), a ordem altera-se: bovinos > caprinos > suínos, com diminuição do número de restos de leporídeos e equídeos.

Tendo em conta os animais presentes — nomeadamente a grande abundância de suínos ao longo de toda a sequência estratigráfica, em particular nas UAC B e C — e a presença de níveis de destruição com materiais bélicos associados a cultura material islâmica, poderemos ter uma situação de transição que mistura materiais dos períodos pré- e pós-conquista cristã.

Existem estabelecimentos mais a norte em que contextos de ocupação almóada têm uma percentagem relativamente elevada de suínos, quando comparadas com os números de espécimes bovinos e caprinos. Em Santarém, por exemplo, os suínos compõem 10% do conjunto destes três táxones. A este propósito, o autor sugere que tais restos pertencem também a javali e não só a porco (Davis, 2006: 26-28). Note-se, ainda a este propósito, que Santarém foi durante várias décadas (entre os séculos XI e XII) palco de conquista e contra-conquista cristã e muçulmana, sendo um território de elevada instabilidade até à definitiva conquista cristã em 1147. Todavia, em zonas meridionais, consideradas plenamente islamizadas, como Mértola (Morales Muñiz, 1993: 263-271; Moreno García e Pimenta, 2012: 153-176), Silves (Davis, Gonçalves e Gabriel, 2008: 183-258) e Salir (Martins, 2015: 25-47) revelaram um número muito mais reduzido de suínos (0-2%).

Aracena localiza-se numa área plenamente islamizada desde cedo, que só a partir dos séculos XII-XIII parece ter estado envolvida em processos político-militares com consequentes mudanças populacionais. Todavia, Aracena apresenta uma percentagem de suínos muito mais elevada que qualquer dos contextos anteriormente mencionados: 39-43% nas UEs consideradas almóadas ou de mistura (UCA B e C), decrescendo esse valor para os 32-24% nas unidades plenamente cristãs (UCA D e E).

Face a esta situação, parece-nos que a elevada percentagem de restos de suínos associados a materiais almóadas pode ser explicada de duas formas: (1) ou os materiais faunísticos são, na sua maioria, restos alimentares já cristãos (numa situação de depósitos de lixeira formados após a conquista cristã, misturando materiais das duas ocupações; a presença de alguns materiais bélicos nestes contextos robustece esta possibilidade); (2) ou durante a ocupação almóada temos a presença em Aracena de uma comunidade atípica (e.g. presença de comunidades moçárabes ou de gentes muçulmanas que, por alguma razão, não cumpriam rigorosamente as prescrições árabes de alimentos proibidos ou *haraam*).

Para além dos leporídeos, a caça está também atestada pela presença relativamente constante do

veado e pelos raros espécimes atribuíveis a javali. Os restos de mamíferos carnívoros são raros, apesar de diversificados: assinalou-se o gato, o lince, o cão e o lobo, e o urso pardo. Nos níveis de arraste foram também recuperados alguns restos de sacarrabos (*Herpestes ichneumon*). De notar que alguns estes animais são mencionados em textos da época: *Ordenanças de Sevilha* por Afonso X de Castela (após a conquista da cidade em 1248; menciona a taxa à caça do lince ou "lobo cerval"); *Livro de Montaria* de Afonso XI de Castela (1311-1350; identifica a caça aos lobos e ursos) e *Livro de Montaria* de D. João I de Portugal (1357-1433; *idem*).

As aves são pouco numerosas (mas, tendo em conta que a restante mesofauna também é escassa, tal facto pode derivar dos métodos de recolha). Identificaram-se alguns restos de galinha doméstica e um resto de águia. É, contudo, impossível determinar qual a utilização desta espécie de rapina (amuleto, práticas de falcoaria?).

Por fim, identificaram-se também alguns restos de peixes (indeterminados) e moluscos. Estes últimos atestam a comercialização de recursos inequivocamente marinhos para zonas mais interiores do território.

Os principais animais (bovinos, caprinos, suínos e equídeos) seriam utilizados diferentemente pelas comunidades locais. Os suínos, abatidos com idade superior a um ano (Fig. 5), serviriam principalmente como fornecedores de carne. Os bovinos terão sido abatidos mais tarde (com mais de 2 anos e algumas vezes mais de 5 anos) para que em vida fossem aproveitados os seus produtos secundários; principalmente transporte e/ou apoio aos trabalhos agrícolas. Após a morte seriam aproveitados a carne, o couro e talvez os tendões. As ovelhas e cabras, abatidas com várias idades (desde juvenis, com menos de 3 meses, a adultas), teriam também aproveitamentos mais diversificados: produtos secundários durante a vida (leite, lã, pêlo) e carne após a morte. Os cavalos (e os burros) teriam sido essencialmente utilizados como montada ou apoio aos trabalhos agropecuários, contudo algumas marcas de corte nos seus ossos evidenciam também outros usos, como a remoção de couro e/ou tendões. Não podemos, claro, descartar por completo o seu aproveitamento como fonte de carne, mas tal não deveria ser regular (trata-se de um animal demasiado precioso para tal).

As alterações ósseas indicam também diferentes agentes e comportamentos. As diferentes marcas de corte assinalam a diversidade de gestos no processamento das carcaças animais: estrias associadas a esfoliação e ao corte de tendões; marcas mais acutilantes (tipo cutelo) para segmentação das partes do esqueleto e obtenção de nacos de carne mais pequenos que caibam em recipientes. De notar também a utilização regular de hastes de veado como matéria-prima para obtenção de artefactos e a presença de alguns instrumentos ósseos.

O processo de carbonização dos ossos parece ter alguma variação ao longo do tempo: numa primeira fase a maioria dos ossos queimados, de forma parcial e adquirindo cor acastanhada, sugere o uso de fogo culinário; posteriormente aumentam os vestígios de ossos sujeitos a temperaturas mais elevadas (a totalidade do osso e a cor negra ou cinzenta), muitas vezes associadas, não à culinária, mas à limpeza da área pelo descarte de restos alimentares para estruturas de combustão.

As marcas associadas a carnívoros, nomeadamente roedelas nas extremidades dos ossos de animais de médio porte (e.g. olecrânio da ulna de porco; Fig. 6) e as puncturas em animais de menor tamanho (e.g. ossos longos de leporídeos),

parecem ser mais uma evidência de animais comensais como o cão e o gato.

Finalmente, os dados biométricos obtidos assinalam valores semelhantes aos já obtidos para outras coleções medievais islâmicas e tardo-medievais.

Agradecimentos

Os autores agradecem ao Eng. António Monge Soares pela obtenção da datação pelo radiocarbono e à Dra. Cristina Dores pelo apoio no Laboratório de Arqueologia da Universidade do Algarve.

Bibliografia

BOESSNECK, Joachim (1969). Osteological differences between sheep (Ovis aries Linné) and goat (Capra hircus Linné). In Don R. Brothwell; Eric Higgs (eds.) *Science in archaeology: A comprehensive survey of progress and research*. London: Thames & Hudson, pp. 331-358.

DAVIS, Simon J. M. (1992). *A Rapid Method for Recording Information about Animal Bones from Archaeological Sites*. Ancient Monuments Laboratory Report, 19/92. London: English Heritage.

DAVIS, Simon J. M. (2006). *Faunal remains from Alcáçova de Santarém, Portugal*. Trabalhos de Arqueologia, 43. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.

DAVIS, Simon J. M. (2008). Zooarchaeological evidence for Moslem and Christian improvements of sheep and cattle in Portugal. *Journal of Archaeological Science*, 35:4, pp. 991-1010.

DAVIS, Simon J. M.; DETRY, Cleia (2013). Crise no Mesolítico: evidências zooarqueológicas. In José Morais Arnaud; Andreia Martins; César Neves (eds.) *Arqueologia em Portugal. 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 297-308.

DAVIS, Simon J. M.; GONÇALVES, Maria José; GABRIEL, Sónia (2008). Animal remains from a Moslem period (12th/13th century AD) lixeira (garbage dump) in Silves, Algarve, Portugal. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 11:1, pp. 183-258.

DRIESCH, Angela von den (1976). *A guide to the measurement of animal bones from archaeological sites*. Peabody Museum Bulletin, 1. Cambridge, Mass.: Peabody Museum of Archaeology and Ethnology, Harvard University.

GONZÁLEZ JIMÉNEZ, Manuel (1998) Huelva, tierra de Frontera. In Juan Luis Carriazo Rubio; José María Miura Andrades (eds.) *Huelva en la Edad Media. 20 años después*. Huelva: Universidad de Huelva. pp. 15-35

GONZÁLEZ JIMÉNEZ, Manuel (2005). Conquista y repoblación de la Banda Gallega. In Juan Aurelio Pérez Macías; Juan Luis Carriazo Rubio (eds.) *La banda gallega: conquista y fortificación de un espacio de frontera (siglos XIII-XVIII)*. Huelva: Universidad de Huelva, pp. 67-78.

GRANT, Annie (1982). The use of tooth wear as a guide to the age of domestic ungulates. In Bob Wilson; Caroline Grigson; Sebastian Payne (eds.) *Ageing and sexing animal bones from archaeological sites*. Oxford: British Archaeological Reports, pp. 91-108.

HABERMEHL, Karl-Heinz (1975). *Die Altersbestimmung bei Haus- und Labortieren*. Berlin: Paul Parey.

JONES, Gillian G; SADLER, Peta (2012). Age at death in cattle: methods, older cattle and known-age reference material. *Environmental Archaeology*, 17:1, pp. 11-28.

KLEIN, Richard G.; CRUZ-URIBE, Kathryn (1984). *The analysis of animal bones from archeological sites*. Chicago: University of Chicago Press.

LEMOINE, Ximena; ZEDER, Melinda A.; BISHOP, Katelyn J.; RUFOLO, Scott J. (2014). A new system for computing dentition-based age profiles in Sus scrofa. *Journal of Archaeological Science*, 47, pp. 179–193.

LYMAN, R. Lee (2008). *Quantitative Paleozoology*. Cambridge; New York: Cambridge University Press.

MARTINS, Soraia (2015). Estudo zooarqueológico do Castelo de Salir (Loulé). Contribuição para o conhecimento da dieta alimentar islâmica. *al-Úlyà. Revista do Arquivo Municipal de Loulé*, 15, pp. 25-47.

MORALES MUÑIZ, Arturo (1993). Estudio faunístico del yacimiento islámico de Mértola: los mamíferos. *Arqueologia Medieval*, 2, pp. 263-271.

MORENO GARCÍA, Marta; PIMENTA, Carlos (2012). Ossos no lixo: o contributo arqueozoológico para

o estudo da alimentação na Mértola Islâmica. In Susana Gómez-Martínez (ed.) *Memória dos Sabores do Mediterrâneo*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola, pp. 153-176.

O'CONNOR, Terence P (1988). *The animal bones. Bones from the General Accident site, Tanner Row*. The Archaeology of York, 15. London: Council for British Archaeology.

PAYNE, Sebastian (1973). Kill-off patterns in sheep and goats: the mandibles from Aşvan Kale. *Anatolian Studies*, 23, pp. 281–303.

PAYNE, Sebastian (1987). Reference codes for wear states in the mandibular cheek teeth of sheep and goats. *Journal of Archaeological Science*, 14, pp. 609–614.

PÉREZ MACÍAS, Juan Aurelio (2001). Los distritos islámicos en la Sierra de Huelva. In Juan Aurelio Pérez Macías; Yolanda Benabat Hierro (eds.) *I Jornadas de Cultura Islámica (Almonaster la Real, Huelva, 2000)*. Aljarafe: Ayuntamiento de Almonaster la Real, pp. 49-63.

ROMERO BOMBA, Eduardo (2003). *El patrimonio arqueológico de Aracena*. Aracena: Ayuntamiento de Aracena.

ROMERO BOMBA, Eduardo; RIVERA JIMÉNEZ, Timoteo (2012). Los castillos de la banda gallega. Aportaciones a su conocimiento desde la arqueología. In Juan Aurelio Pérez Macías; Juan Luis Carriazo Rubio; Beatriz Gavilán Ceballos (eds.) *Paisajes, tiempo y memoria: acercamientos a la historia de Andalucía*. Huelva: Universidad de Huelva, pp. 99-128.

ROMERO BOMBA, Eduardo; RIVERA JIMÉNEZ, Timoteo; PÉREZ MACÍAS, Juan Aurelio (2010). La villa fortificada de Aracena: fases de ocupación. In Fernando Amores Carredano; Enrique Domínguez Berenjeno (eds.) *Actas V Congreso Internacional sobre fortificaciones: Fortificación y ciudad (Alcalá de Guadaira, 3-7 de marzo 2009)*. Alcalá de Guadaira: Ayuntamiento de Alcalá de Guadaira, pp. 51-55.

SHIPMAN, Pat; FOSTER, Giraud; SCHOENINGER, Margaret (1984). Burnt Bones and Teeth: An Experimental Study of Color, Morphology, Crystal Structure and Shrinkage. *Journal of Archaeological Science*, 11:4, pp. 307-325.

VALENTE, Maria João (1997). A quantificação faunística: principais unidades, alguns parâmetros, regras e problemas. *Estudos do Quaternário*, 1, pp. 83-96.

VALOR, Magdalena (2005). Algunas reflexiones sobre los castillos de la Banda Gallega. In Juan Aurelio Pérez Macías; Juan Luis Carriazo Rubio (eds.) *La banda gallega: conquista y fortificación de un espacio de frontera (siglos XIII–XVIII)*. Huelva: Universidad de Huelva, pp. 79-92.

ZEDER, Melinda A. (2006). Reconciling Rates of Long Bone Fusion and Tooth Eruption and Wear in Sheep (Ovis) and Goat (Capra). In Deborah Ruscillo (ed.) *Recent Advances in Ageing and Sexing Animal Bones*. Proceedings of the 9th Conference of the International Council of Archaeozoology, Durham, August 2002. Oxford: Oxbow Books, pp. 87-118.

ZEDER, Melinda A.; LAPHAM, Heather A. (2010). Assessing the Reliability of Criteria Used to Identify Postcranial Bones in Sheep, Ovis, and Goats, Capra. *Journal of Archaeological Science*, 37:11, pp. 2887-2905.

ZEDER, Melinda A.; LEMOINE, Ximena; PAYNE, Sebastian (2015). A new system for computing long-bone fusion age profiles in Sus scrofa. *Journal of Archaeological Science*, 55, pp. 135-150.

ZEDER, Melinda A.; PILAAR, Suzanne E. (2010). Assessing the reliability of criteria used to identify mandibles and mandibular teeth in sheep, Ovis, and goats, Capra. *Journal of Archaeological Science*, 37:2, pp. 225-242.